

A ESTÓRIA DO FORMIGUINHO OU DEUS AJUDA OS BÃO

Arnaldo Jabor

PERSONAGENS

Favelado I

Favelado II

Formiguinho

Mulher

Doutor

Monstro I

Monstro II

Cérebro Eletrônico

Governador

I

Cena: *(Uma favela carioca. Cenário típico. Uma mulher esfarrapada e suja estende roupa na corda enquanto canta, com voz rouca e doentia. De vez em quando tem um ataque de tosse em meio à música. Também em cena há dois favelados também sujos e andrajosos, sentados no chão. Entra o Formiguinho, personagem central, indivíduo esquelético, curvado, semelhante ao animal que lhe dá nome. Formiguinho entra por um lado, com andar cômico, carregando na mão um martelo. Os dois favelados acompanham-no com os olhos, curiosos. A mulher cantando sempre. Formiguinho coloca o martelo no chão e sai de cena. Volta com uma caixa de pregos e um serrote. Coloca-os no chão metodicamente. Sai, sob os olhares curiosos dos dois. Mulher cantando e tossindo. Formiguinho volta com tábuas nas mãos.)*

FAVELADO I — Esse otário tá de lance...
FAVELADO II — Cara otário é assim mesmo...

(Formiguinho empunha o martelo. Afasta-se dois passos de um local imaginário. Mede distâncias. "Teoriza a porta" que pretende construir com gestos de arquiteto.)

FAVELADO I — *(Irrônico, rindo)* Euuuu, hein?...

(Formiguinho começa a bater com o martelo. Mulher pára de trabalhar e se volta.)

MULHER — Seu Formiguinho *(ele bate)*, seu Formiguinho *(ele pára)*, ainda que mal lhe pergunte, que eu graças a Deus não sou de me meter na vida de ninguém que a vida da vizinhança não me interessa, mas, arripito, ainda que mal

lhe pergunte... tá fazendo o quê????...

FORMIGUINHO — Eu?
MULHER — É.
FORMIGUINHO — Uma porta.
MULHER — Uma porta?
FORMIGUINHO — Uma porta.
FAVELADO I — *(Aturdido)* Uma porta...
FAVELADO II — *(Desconfiado)* Uma porta...
MULHER — Pro barraco?
FORMIGUINHO — Pro barraco.
FAVELADO I — *(Rindo irronicamente)* Ih, rapá, deixa ele, négo que é otário num tem jeito, não. Négo que é otário é fogo.

FAVELADO II — Deixa ele... deixa ele...
FORMIGUINHO — *(Meio irritado)* Deixa ele o quê, pô?..
FAVELADO I — Deixa tu ser otário...
MULHER — Me admiro o senhor, seu Formiguinho...
FORMIGUINHO — Me admiro o quê, póxa?..
MULHER — Um homem tão bão, direito, fazer uma coisa dessa...

FORMIGUINHO — Coisa dessa o quê, pô?..
FAVELADO II — Quêdê a licença, rapaz, tu tem cla?
FORMIGUINHO — Licença?
FAVELADO I — Cara otário é fogo...
MULHER — Tu não sabe que tem de ter licença? Pra construir a porta?

FORMIGUINHO — Quem que disse?
FAVELADO II — Seu doutor... seu doutor que disse... todo mundo sabe.

FAVELADO I — Menos otário.
MULHER — Tu te lembra do Boca de clarinete? Pois é. Ah que eu boto janela, porta, telhado, que eu sou homem e faço. Ai vem o seu doutor e pede a licença, cadê a licença, não tem? Ah, não tem licença? Lá vem polícia, despeja ele, manda ele embora do barraco, bota o barraco no chão e pronto, tá o Boca de clarinete com uma mão na frente e outra atrás na rua, sem casa...
FORMIGUINHO — Isso é ele. Eu vou botar uma portinha...

FAVELADO II — Num pode, ó pato. É lei. Num pode.
MULHER — E quem não respeita as lei é malfetor. Criminoso.

FAVELADO I — Tu é advogado?
FORMIGUINHO — Não.
FAVELADO II — Deputado?
FORMIGUINHO — Não.
MULHER — Formado?
FORMIGUINHO — Não.
FAVELADO I — Dentista, arquivista, trapezista?
FORMIGUINHO — Não, não, não.
MULHER — Vereador, doutor ou senador?
FORMIGUINHO — Num sou, não. Num sou, não.
FAVELADO II — Então?
FORMIGUINHO — Então...
FAVELADO I — Como é que tu te mete a bancar o vivão?
MULHER — Seu doutor é que sabe, Formiga, ele é bacana, estudou. Ele é que sabe de tudo, o seu doutor. Tu é micha, Formiguinho. Favelado. Porcaria. Tu é lixo, Formiguinho.

FAVELADO I — E é pecado, inda por cima. Seu vigário me contou. Deus que vê as má ação. Nosso Senhor está vendo e castiga os malfetor...

(Pausa. Formiguinho pensa.)

FORMIGUINHO — E se eu peço direitinho, se eu não vou contra as lei. E se eu não peço, se obedeco, se sou um cara legal. Vou pro céu, eu construo minha porta?

MULHER — (Confiante) Craro. Deus ajuda os bão...
FAVELADO I — (Confiante) Craro. O seu doutor e os deputado só quer nosso bem.
FAVELADO II — Craro. Pedindo por favor, a gente consegue tudo.
FORMIGUINHO — (Largando o martelo. Juntando as tábuas etc. Matutando.) Deus ajuda os bão... Deus ajuda os bão...

(Fica tudo escuro. As personagens ficam

estáticas ao fundo. Entra a narradora, trajada como se fosse a fada boa de histórias infantis. Com voz suave e terna, diz:)

FADA-NARRADORA — Boa noite. Este é o início de uma linda história. A história do Formiguinho, um homenzinho muito bonzinho que morava no alto de uma bela favelinha perto do mar, lá lá lá no Rio de Janeiro, onde tem o Pão de Açúcar, o Carlos Lacerda, o Corcovado... Entre todas estas maravilhas, morava o bom Formiguinho, com seus onze filhinhos, quinze ratinhos, três gatos e sua mulher tuberculozinha. Moravam todos num barraco pequenininho, onde nunca chegava um páo-zinho, porque era muito alto e o padeiro ficava de saco cheio de ir até lá. Formiguinho era pobre. Mas... não pensem vocês que era desobediente. Seguia os bons conselhos, os dez mandamentos de Deus e o Código Civil de Clóvis Beviláqua... Formiguinho, bom brasileiro, democrata, defensor de nossas sagradas tradições, bom católico, puro e honesto, sabia que tudo que é feito dentro da lei, tudo que é feito em nome do Bem, é recompensado. Por isso, ele confiava em sua vitória. Sua vida iria melhorar, porque ele era bom e Deus ajuda os bons... (Luz)

II

(Formiguinho e seu doutor, encarregado da favela, do serviço assistencial aos favelados. Homem acafagestado, de terno branco, chapéu panamá, gravata vermelha etc.)

FORMIGUINHO — ...e fica assim de bicho, seu doutor, que o senhor nem imagina... Na outra noite entrou um gato, que até que foi bão: a gente matamos ele. E as crianças, que nunca comeu filé minhão, acharam ótimo...

DOUTOR — Perfeitamente...
FORMIGUINHO — O vento entra que a gente tem de amarrar as criança nas mesa, que... num é mole...
DOUTOR — Perfeitamente...
FORMIGUINHO — E os porrista? A gente tem de botá um menino de fora toda noite, porque senão vai dormir mais de dez lá dentro... e num é mole...
DOUTOR — É lastimável...
FORMIGUINHO — Depois...
DOUTOR — Sim?
FORMIGUINHO — O caso é que...
DOUTOR — Fale, bom homem.
FORMIGUINHO — Se eu bobear, entra os cara e...
DOUTOR — Sim?
FORMIGUINHO — Passa a Creusa na cara!
DOUTOR — Perfeitamente...
FORMIGUINHO — Num é mole...
DOUTOR — De maneiras que...
FORMIGUINHO — Daf eu vim aqui porque é o senhor que cuida das licença e os caboco disse que eu tinha que obedecer as lei...
DOUTOR — Sempre!
FORMIGUINHO — Daf eu vim ver se dava um jeito de botar uma porta.
DOUTOR — Não podemos.
FORMIGUINHO — Mas seu dout...
DOUTOR — (Noutro tom.) Não podemos.
FORMIGUINHO — Mas nem...
DOUTOR — (Noutro tom.) Não podemos.
FORMIGUINHO — (Suavemente) Por que, porra?..
DOUTOR — Regulamento, caro senhor.
FORMIGUINHO — Uma portinha...
DOUTOR — (Noutro tom.) Regulamento.
FORMIGUINHO — Os porristas entra e...
DOUTOR — Regu...
FORMIGUINHO — Pelo amor de Deus!
DOUTOR — (Taxativo) Lamento!
FORMIGUINHO — (Pausa) Então, seu doutor, quer dizer que vai continuar aquela esculhambação lá em casa?...

DOUTOR — Perfeitamente.
FORMIGUINHO — Num é mole.
DOUTOR — É inevitável. É o destino. A lei implacável do destino! Formiguinho, você já viu uma favela?
FORMIGUINHO — Eu moro numa, doutor.
DOUTOR — Estou perguntando se você já viu uma favela. Diz que não.
FORMIGUINHO — Não, senhor.
DOUTOR — (Demagógico e profético.) Uma favela, Formiguinho, é um câncer. Uma chaga, meu filho. Nela fervem todos os parasitas de qualquer sociedade em progresso. Uma favela, filho meu, é um tumor. Um tumor que à noite se ilumina. (Animando-se pela figura.) Como se fora... como se fora... o maravilhoso e fulgurante lixo da cidade em crescimento... ou talvez os... os... seios gangrenados da bela Guanabara adormecida, onde fervilham colônias de micróbios. Ouviu, seu micróbio! Isso é uma favela. Uma solução se faz necessária, portanto. Qual será ela, por conseguinte? Dizei, dizei-me, num relance, ela, qual será?
FORMIGUINHO — Não sei, não senhor.
DOUTOR — Adivinha.
FORMIGUINHO — Construir casas pros favelados, com água, luz, privadinha...
DOUTOR — Errou!
FORMIGUINHO — Os ricos pegam o dinheiro e dividem com os pobres...
DOUTOR — Tá friôôôô...
FORMIGUINHO — (Hierático) Deus vim e fazê um milagre!
DOUTOR — Que? Deus, os cambús! Olha, meu filho, ouve bem, eis a solução, a verdadeira chave do enigma: cessar o êxodo rural. Impeçam a chegada de nordestinos e camponeses na cidade, vedem a entrada desta cambada em nossa cidade, e o problema terá uma resposta. Poderei dar-lhe a tão almejada porta, enfim...

(Formiguinho tá com cara de quem não entendeu.)

FORMIGUINHO — Doutor... Ahh...

DOUTOR — Duvidais?

FORMIGUINHO — Não... Não é isso... É... Eu devo ser burro... Mas que que tem cabeça chata a ver com a minha porta, lá no morro?

DOUTOR — Filho meu... Ouve: parando de chegar nordestino, deixa de chegar gente pra favela. Não é? Pois bem A favela não cresce mais. Não é? Pois bem. O que não cresce vai morrendo, não é? Pois bem. A favela vai caindo aos pedaços, michando, michando, até os barracos todos apodrecer e cair. Não é? Pois bem. O que faz a favela existir são os barracos. Deixando de haver barracos, deixa de haver favelados, pois afinal de contas ninguém pode morar num lugar que não existe... Então, construiremos hotéis de veraneio no alto dos morros e colinas... Não é ótima a solução? Hein? Hein?

FORMIGUINHO — (Meio confuso.) É, sim senhor... Ah, ah ...

DOUTOR — Isso! Muito bem, Formiguinho, ria, ria. Confia no governo, que ele tudo resolve. Confia e ria, Formiguinho, sempre. Vá agora falar com os homens mais inteligentes do país e pede a eles para acabar com a vinda dos nordestinos pro Rio... Vá. Rindo sempre. Feliz sempre. (Formiguinho ri bobamente. O doutor dá lindas gargalhadas, afagando-lhe o ombro.) Isto, meu querido, dinheiro não traz felicidade. (Risos em crescendo.) Os pobres vão pro céu. (Risos.) Deus ajuda os bô. (Risos.) Faminto, doente, burro e nu, mas feliz, feliz, feliz!!!!

(A cena termina numa sinfonia de gargalhadas demagógicas e risos subdesenvolvidos.)

80

CENA II

Quando muda a luz de cena, que ganha tons expressionistas, vermelhos etc., ouvem-se zumbidos, ruidos, engrenagens trabalhando etc. Desce um cenário simples: um painel imitativo de cérebro eletrônico, com chaves, alavancas e rodas. Luzes acendendo e apagando. Atenua-se o ruído. Formiguinho está num canto tremendo, enquanto entram dois monstros: dois intelectuais, caricaturados com enormes cabeças tipo "carnaval de Nice", movendo-se grotescamente pelo palco. Formiguinho treme, e desvia-se dos enormes senhores...

MONSTRO I — (Melodramático como se estivesse representando *Ésquilo ou Racine*.) Ai de mim! Ai de mim! Ai de mim! que tenho dentro da alma o conhecimento total da natureza. Ai de mim, que conheço os segredos profundos do Universo!

MONSTRO II — (Também melodramático mas com voz fina e não cava.) Ai de mim! Ai, ai, de mim! que carrego no coração enegrecido pela angústia toda a humana dor. Ai de mim, que nada sou. Sou pó, e ao pó revertere! Ai de mim, que tenho a náusea metafísica! Ai de mim, que li Sartre!...

MONSTRO I — Ai!...

MONSTRO II — Ai. Ai!...

MONSTRO I — Ai, ai, ai!...

MONSTRO II — Ai! Estou cansado de ser gênio. Eu sou. Tudo sei. A história humana, divina. A ciência. A origem dos planetas! Ai de mim, que carrego a cruz do saber. Ai de mim, que estou com prisão de ventre desde o dia da posse do presidente Epiácio Pessoa...

MONSTRO I — (Melodramático.) Tomai, tomai leite de magnésia, que passa; tomai, tomai ai! ai! ai!

81

(Vê o Formiguinho.)

MONSTRO II — Ai! (Deu grito de susto.)

MONSTRO I — Que foi?

MONSTRO I — Falai!

(Olham o formiguinho encolhidinho.)

MONSTRO II — Que será?

MONSTRO I — (Ao Formiguinho.) Falai!

FORMIGUINHO — Eu... eu... queria saber...

MONSTRO I e II — Ah! Ah! Não digais mais nada! Nada mais digais. Em este calmoso mês de agosto bem fizeste em nesta casa vir. Bem fizeste com nós dois falar. Tudo sabemos. Tudo somos. Tudo vemos.

MONSTRO I — Quereis saber... os segredos da matemática? A equação que explica o Universo?

MONSTRO II — Ou o sexo de Deus? Se Deus é homem? Se Deus é mulher? O que quereis?

MONSTRO I — História? Se é verdade que Napoleão era fresco? Se era égua ou cavalo de Tróia? Será isto?

MONSTRO II — Filosofia? Se eu penso? Logo existo? Se penso? Se existo? Se sou o centro do Universo ou se sou o cocô do cavalo do bandido? Hein? Hein?

MONSTRO I — Que quereis? Dizeis!

FORMIGUINHO — Como é que acaba de chegá gente do norte pro Rio?

MONSTRO II — Como? Como disse?

MONSTRO I — Disse? Como como?

FORMIGUINHO — Parar de chegar gente pro Rio.

MONSTRO II — Bem... Ahhhahh... Ai de mim... Isto é... Trata-se de problema de somenos importância... Muito simples... Assaz... ademais... demasiado... paca... às pampa...

MONSTRO I — Exato... Simplíssimo. Explica a ele, confrade...

MONSTRO II — Trata-se de uma problemática de éxodos periódicos de *Homo sapiens* do habitat na-

82

tural para outras regiões...

MONSTRO I — Nomadismo!

(Formiguinho não entende.)

MONSTRO II — Não entendeste, ignaro?!

FORMIGUINHO — O doutor disse que os senhor sabia a solução pra acabar com o problema.

MONSTRO I e II — A solução! Solução! Perguntemos então

MONSTRO I — A nosso escravo, que não é

MONSTRO II — Senão

FORMIGUINHO — O cérebro eletrônico!

(Aumentam os ruidos. As luzes apagam e acendem. Zumbidos. Os monstros se encaminham para o painel, mexem em alavancas e chaves. Fazem ruidos etc.)

MONSTRO I — Pergunta, meu filho. Pergunta.

FORMIGUINHO — (Fala em um buraco do painel.) Como é que acaba com o problema do... do...

MONSTRO II — Éxodo rural...

FORMIGUINHO — Éxodo rural...

(Ruidos, zumbidos etc.)

CÉREBRO ELETRÔNICO — (Com voz cava e metálica.) Re-for-ma... Re-for-ma. Reforma agrá-ria... Reforma Agrária!!!!

FORMIGUINHO — Que é isso, seu doutor? O senhor sabe?

MONSTRO I e II — Pergunta a ele, meu filho, pergunta!

FORMIGUINHO — Que-é-isso?

(Ruidos, zumbidos etc.)

CÉREBRO ELETRÔNICO — Dar... a terra... a... quem... trabalha... nela... dar a terra a quem trabalha nela!

83

MONSTRO I — Tem que dividir as terras dos que têm com os que não têm, entenderam?

FORMIGUINHO — Por quê?

MONSTRO II — Milhões de homens trabalham no campo, mas um pouquinho à toa é quem tem terra.

FORMIGUINHO — E quem que divide as terras? É os senhor?

MONSTRO I — Ai de mim! Nós nada fazemos. Quem faz isso é uma só pessoa: o governador! Sua Excelência, o governador!

CENA IV

Corta a luz. Assim que termina a cena do cérebro eletrônico, entra, no escuro mesmo, uma música típica de televisão, jingle, cantando:

“Água, água, água
água, água, água!
água...”

Voz de speaker masculino — Vá hoje mesmo ao revendedor mais próximo e adquira a senhora também uma latinha de água. Agora em novo processo americano: “Água em Pó”.

“Água, água, água
água, água, água
água...”

Voz de speaker feminino — É simples o preparo de Água em Pó! Basta uma colherinha de oxigênio e duas de hidrogênio e pronto, está preparada sua deliciosa água. Sinta sua leve efervescência, veja seu alegre borbulhar. Água!

“Água água água
água...”

84

Voz de speaker masculino — E agora, numa oferta de água, apresentamos! (*Música vibrante.*) A VOZ DO PODER! com a palavra, o próprio!...

Luz. Cena: num canto, três pessoas: um velho, uma velha, uma criada enxugando pratos. Cena típica de telespectadores imbecis. Do outro lado do palco, uma tela de TV, enorme, dentro da qual está o Governador. Uma luz azul sobre seu rostinho demagógico. Sorri. É cheio de carismas e truques. Do lado onde estão os três, o velho, a velha e a criada:

O VELHO — Atenção. Vejam só. Inteligente, corajoso e honesto.

CRIADA — E como é lindo, meu Deus!

A VELHA — Figura escrita do Ruy!

GOVERNADOR — Boa noite, meus queridos!

TODOS — Boa noite!...

GOVERNADOR — Hoje, eu, e quando eu digo eu eu digo eu, mais uma vez com vocês estou, para dar contas de meu grande governo à frente deste belo Estado, e de responder às perguntas que quiserem (*Dá um sorriso.*) indefectivamente!!!!

O VELHO — Que inteligência!

A VELHA — Parece Quintino Bocayúva!

CRIADA — Como ele é gostoso!...

GOVERNADOR — Temos aqui um sujeitinho muito rasgado — que não sei como deixaram entrar — cheio das perguntas (*à parte*) gentinha do povo... mas, afinal é bom dar uma colher de chá ao povo. Pega bem... (*Sorriso — pausa*) Impreterivelmente!...

CRIADA — Ail Frank Sinatra!

VELHO — Gênio!

VELHA — Marechal Hermes da Fonseca!

GOVERNADOR — Que quereis, individuozinho?

FORMIGUINHO — (*Aparecendo na grande tela de TV — dá adeus para os telespectadores. Ri.*) Boa

85

noite... boa noite...

VELHO — Cheira-me a agitador social.

CRIADA — Muito micha.

VELHA — Unn, ralé!

FORMIGUINHO — Eu tenho aqui, seu doutor...

GOVERNADOR — Perfeitamente.

FORMIGUINHO — Uma porção de coisas sobre a reforma agrária...

GOVERNADOR — Com efeito.

FORMIGUINHO — A reforma agrária é uma maravilha...

GOVERNADOR — Não obstante.

FORMIGUINHO — Eu descobri que se o senhor mandar fazer ela, fica tudo resolvido. É só o senhor dividir as terras dos que têm com os que não têm...

GOVERNADOR — É muita gente morrendo de fome, sem terra e uns pouquinho gordo e com todas as terra...

FORMIGUINHO — No entretanto.

GOVERNADOR — Como o senhor é nosso governador, que está af pro nosso bem, eu queria que o senhor fizesse a reforma agrária...

FORMIGUINHO — Conclusão.

GOVERNADOR — Tava resolvido tudo. E...

FORMIGUINHO — Só isso?

GOVERNADOR — Só, sim senhor.

FORMIGUINHO — Mais nada?

GOVERNADOR — Não, senhor.

FORMIGUINHO — Tem certeza?

GOVERNADOR — Tenho, sim senhor.

FORMIGUINHO — Pois bem (*Começa a se erguer para esmagá-lo. Vai dizer coisas gravíssimas. O Formiguinho se amedronta. Todos se animam e ficam em suspense.*)

O VELHO — Vejam o talento. Esmague-o!

A VELHA — Ai mocinho, ai mocinho.

CRIADA — Botar para jambrar!

(O Governador enche o peito, ajeita o cabelo, ergue o braço.)

86

GOVERNADOR — Indubitavelmente!!!!

TODOS — Ehhhhhh!!!! (*Palmas*)

GOVERNADOR — O individuozinho me veio aí cheio dos dados, cheio dos conhecimentos...

TODOS — Ahahahahaha!!! (*Vaiam*) uhhuhuhu!!!

FORMIGUINHO — O moço me ensinou!

GOVERNADOR — (*Cortando*) Ensinou mal!

(*Todos se assustam e se calam, Formiguinho treme.*)

GOVERNADOR — Ensinou a contrariar o direito divino da propriedade privada!

FORMIGUINHO — Propriedade o quê?

GOVERNADOR — (*Muito grave.*) Privada. É preciso garantir este direito que herdamos de Adão.

FORMIGUINHO — Mas se o céu e o mar não é de ninguém, por que que a terra tem dono?

GOVERNADOR — Lei divina!

VELHO — Muito católico ele.

CRIADA — Ficava lindo de padre!

VELHA — Um João XXIII!

GOVERNADOR — O fato é este. Danem-se os milhões de homens que morrem de fome. É preciso que eles morram de fome para que uns poucos ricos morram de indigestão. Isto é que é o certo.

TODOS — Isso!!! Ahahahahaha!

GOVERNADOR — Quer reforma agrária? Muito bem. Pede aos donos da terra. Pede a eles. Eles dão. A terra é deles. Se eles quiserem, fazem. Canta eles. (*Pausa*) Inexequível!

TODOS — Ehehehe!!!

GOVERNADOR — Inequivocamente!

TODOS — Muito bem!!!

GOVERNADOR — Paralelepípedo!

TODOS — Hip hip hurrah, hip hip hurrah!!!

GOVERNADOR — Papel higiênico! Hipopótamo. O verdadeiro hipopótamo patriota usa papel higiênico!

87

TODOS — Olé, olé, olé!!!
 GOVERNADOR — E cada vez que usar deverá jogá-lo fora. Pois há que haver economia, limpeza. Patriotismo, seus malvados. Mamãe eu quero fazer xixi! Xixi, senhores. Ouçam bem. Xi-xi!
 TODOS — É o maior. É o maior. É o maior!!!
 GOVERNADOR — *(Faz um gesto para que parem. Silêncio.)* Vá ao Nordeste, sujeitinho. Se os donos da terra quiserem, muito bem. Do contrário, não. Agora, essas idéias que você tem na cabeça são de agitador social. Coisas de comunistas.
 TODOS — Ohhhhhhh!!!
 GOVERNADOR — *(Assustado-se à palavra.)* Comunista!
 TODOS — Comunista!!

(Pânico total. Governador aos gritos. Formiguinho apavorado.)

GOVERNADOR — Comunista! Cuidado! Olha aí! Pega pra capar! Comunista morde! Olha aí! Au-au-au!... *(Tem um ataque de macumbeiro.)* umuu-zuum-meu pai-oxum-nagê-adu-adeus bumbum—a janaína-um *(No meio disso a luz morre. Ouvem-se os gritos do governador, que se misturam com a música que inicia a cena seguinte.)*

CENA V

Cena do Nordeste — Formiguinho está chegando no Nordeste, cansado da viagem, triste e alquebrado. Em cena há: um cactus, uma caveira de boi balançando por um fio. Encostado no cactus há um camponês, esquelético, rasgado, tocando uma viola. Formiguinho entra cantando, pois haverá um dueto operário-camponês.

FORMIGUINHO — *(Cantando)*
 Éta,
 tou chegando do Rio de Janeiro

88

Éta
 travessi este sertão inteiro

(marcha-rancho)

Encontrei pela estrada tanta gente
 a caminhar
 tanta gente que não sabe onde vai parar
 tanta gente
 tanta gente a caminhar
 tanta gente que não sabe aonde vai morar...
 tanta gente pra cidade
 e que vai se infavelar
 éta

CAMPONÊS — *(Em tom regional.)*
 te saúdo, irmão lá da cidade...
 que aparece cá nas bandas do sertão
 se é de gosto vá contando as novidades
 se assentando perto deste seu irmão

FORMIGUINHO — *(Mais carioca.)*
 já deixei tantas léguas para trás
 eu só quero encontrar o que procuro
 tenho os pés tão cansados de andar
 e no saco um pedaço de pão duro...

CAMPONÊS — *(xote)*
 que procura eu não sei
 e não sei se vai achar
 é melhor se assentar
 e depois ir procurar
 se procura noite e dia
 noite e dia sem parar
 vai ficar com quebradera
 e depois não vai achar...

(Formiguinho senta no chão, rinchando todo.)

FORMIGUINHO — *(Falando)* Acha sim, meu irmão... a gente sempre acha o que procura... até que aqui no Nordeste eu tenho esperança... vam vê... vam vê...

89

CAMPONÊS — *(Acompanhando-se na viola, em surdina, com doces harpejos, dedilhando uma canção bem triste)*
 Num sei, não, moço. Num vejo nada resolver aqui... A gente só descansa mesmo quando desencarna. Sei lá, seu Formiguinho, deve ser castigo de nosso senhor Jesus Cristo, nosso pai, louvado seja seu nome. Eu... veja bem o senhor... veja bem... por obra e graça de nosso Deus pai todo poderoso tinha vinte fios... aí deu a seca de 39... morreu cinco... nasceu dois... ficou dezassete... deu febre em oito... morreu oito... nasceu um ficou dez... Zequiél morreu de solação... Anania de furunco... Malaquia de mal do demo... Maria Anunciada de terça... Natividade de fome... era dez ficou cinco em no ano passado, nas eleição furaram Benjamin. Macário retirou... Mariana saiu no mundo. Eram cinco ficou dois e agora a mulher tá de barriga pro mês que vem. É mais um aí, mais um, se nosso senhor Jesus Cristo quiser para sua maior glória e de nossa senhora de Nazaré, de São Pedro e São Paulo, a corte celeste seus anjos e santos e deus padre, amém... *(Nessa parte final, a música torna-se um pouco de hino.)*

FORMIGUINHO — A gente aqui num resolve nada. Mas o senhor que é da cidade às vez tem sorte...
 — Me mandaram procurar um home. É o dono das terra. As fazenda, é tudo dele. Os gado, os campo de cana, os engenhos, os cavalos, os açudes, as casas grande. Os avião, os automóvel. O seu doutor...

CAMPONÊS — O doutor?
 FORMIGUINHO — É, sim senhor.
 CAMPONÊS — Dono das terra?
 FORMIGUINHO — É o que disseram...
 CAMPONÊS — *(Já dando um acorde no violão.)* Tu não disse o nome dele mas eu já sei *(acorde de violão)* aqui todo mundo conhece *(acorde de*

violão) é um home arto, gordo...

(xote)
 é o senhor das terra toda
 que ôce andou aí
 e que vem andando agora
 desde suas banda a pé...
 eu já tou mais do que certo
 que só pode ser um home
 que aqui neste sertão
 a gente chama coroné...

— mas ainda não atinei com o que passo a perguntar o que é que este homem tem aqui que pode dar pois aqui tudo que tem que se pode desejar sem contá nossa miséria é só dele mais ninguém...

FORMIGUINHO — *(sambinha)*
 o que eu quero é uma porta pro barraco entra vento, entra rato, entra tudo o que quiser entrar no escritório e no governo onde fui não pode ser me disseram que viesse até aqui pra resolver pra ter casa pra morar e lugar pra trabalhar

CAMPONÊS — *(xote)*
 uma roça bem viçosa e uma cria pra engordar
 FORMIGUINHO — *(samba)* uma vida pra viver com os filho e com a mulher vou correndo bem depressa pra falar com o coroné.

CAMPONÊS — *(Finalizando o xote)*
 güenta, cabra lá do sur
 fica no canto quietinho

90

91

af vem o coroné
com seu bispo meu padrinho...

(O camponês se encolhe todo no canto. Fica trêmulo e começa a cantar humildemente uma horrenda música monocórdia, imbecil.)

"meu boi, meu boi, meu boi
meu boi, meu boi, meu boi
meu boi, meu boi, meu boi

(Entram: no compasso da lenta canção, o coronel e o bispo, um atrás do outro. O bispo, pé bem fresco, bem grosso.)

BISPO — *(Parando no meio do palco, maravilhado.)* Ouça, coronel, *(meu boi, meu boi)* ahhh, o regionalismo... o brasileiro morre de fome mas encontra tempo para cantar... "brasilienses populus cantandi!"...

CORONEL — Nada. Vagabundos, eminência. Só fica cantando e não quer trabalhar. Por isso é que morre de fome. É uns fracos.

BISPO — Não, coronel. O sertanejo é antes de tudo um forte, *(meu boi, meu boi)* e humilde *(meu boi)*, piedoso *(meu boi)*, e feliz *(neheco neheco...)*

FORMIGUINHO — *(Se aproximando. O bispo o vê.)*
BISPO — Que quereis, filho de Deus?

(A música do violão, que era lenta e em surdina, transforma-se num coco nordestino. O cantor canta, enquanto Formiguinho conta por mímica ao bispo e ao coronel o que deseja.)

o que eu queria
é uma porta pro barraco
entra vento entra rato
entra home entra mulher
eu fui no morro
onde eu fui pedi socorro

licença pra botar porta
mas não deram nem vão dar
mandaram eu ir no escritório e no governo
ninguém disse que podia e mandaram eu vim cá...

neheco neheco neheco...
e agora eu peço às vossa incilência
uma reforma pros candango ficá aqui
não descê mais e acabando os pau de arara
num tem mais cabeça chata nas Favela do Pavão
e aí eu posso construir minha portinha e viver
minha vidinha com meus filhos e com a mulher...
neheco neheco neheco...

CORONEL — Até que vosmicê tem razão pra pedir uma portinha pro barraco e melhorar sua vidinha... mas daí a fazer a reforma agrária? Ora, fio, por quem sedes! Você que és da cidade, home curto, destruído, veja este caboclos, tudo burros, analfabégicos, tudo analfabégicos. Dono da terra tem de ser eu! Inteligentil, inteligentil. Reforma agrária é coisa séria...

BISPO — Questão de consciência...
CORONEL — Mas a gente tem uma solução. Eu e seu bispo, que é tudo a mesma coisa. É o americano comprar mais caro o nosso açúcar. O americano paga mais. Eu, eu lucro mais. Com esse dinheiro construo casas para os homens. Todos ficam morando aqui. Compro um regador para cada um para eles molhar o deserto. E aí, nascerá as fror de novo. O deserto vira um jardim e fica tudo feliz, feliz, as fror, os home, as fror, e então sobre a terra dos homens felizes desce a glória dos céus.

BISPO — *(Com voz efeminada, aguda e trêmula.)* Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia...

FORMIGUINHO — Legal, seu doutor. Mas, como é que se vai lá, pra América do Norte?

BISPO — Olha, meu filho, você está vendo, lááá

ao longe, na curva da estrada, um posto da
Esso? Pois é. Vá andando, de posto da Esso
em posto da Esso que você chega. Vá com
Deus.

(Formiguinho sai e vem a cena dos EUA.)

CENA VI

Entra uma música de fundo bem americana,
puxada para música de revista musicada da
Broadway. No escuro ainda, ao acender a luz,
aparecem três coristas, vestidas como tal,
dançando e cantando ao som da música, enquanto
Formiguinho olha. Elas dançam e cantam
mexendo com ele.

Chegou chegou do Brasil
capital Montevidéu
Formiguinho, varonil
nascido em abril
sob um céu de anil
chegou chegou do Brasil
terra das muitas flores
das belezas naturais
da miséria e dos amores
Brasil terra de estrelas
Brasil tuberculose
Brasil esquistossomose
onde o rico vive bem
vive mal o desgraçado
e agora parabéns, recém-chegado
aqui está o departamento de Estado!...

(Atrás das três coristas está uma mesa com o tio Sam. De tio Sam só se vêem as pernas, pois ele está sentado atrás da mesa, com os pés sobre ela. Aparece também seu chapéu, em vermelho, azul e branco. Entram e saem homens, pedindo dinheiro.)

HOMEM I — Dinheiro para invadir Cuba, presidente. Thanks.
HOMEM II — Dinheiro para retirar as tropas de Cuba, presidente. Thanks.
HOMEM III — Dinheiro para comprar dez senadores, presidente. Thanks.
HOMEM IV — Dinheiro para o bonde, presidente. Thanks.

(Continuam entrando homens sem parar, pegando e trazendo dinheiro.)

PRESIDENTE — Compreendeu agora, Formiguinhas, compreendeu por que não posso? Já há dinheiro determinado para tudo. A gente mora no mundo livre, mas este mundo não é tão livre assim. Não poderei comprar o açúcar do Nordeste mais caro. Temos acordos, tratados, convênios, pactos, regulações, entendimentos, ajustes, manifestos, bate-papos etc. Com os outros produtores de cana, para comprar a preço justo. Se compramos mais caro o seu açúcar, teremos de comprar mais caro de todos os outros. As finanças todas entram em crise. Será mais um passo para o fim. Não podemos. Em hipótese alguma poderemos. Não fui eu quem começou esta loucura, mas tenho que tocar para a frente. É uma tragédia ser capitalista. Quanto é que você pensa que está custando um planeta??? Hein? Quanto??? Porém... porém... eu... eu... sei... sim, eu sei quem resolverá o seu problema. É aquele que tudo vê. *(Fala em tom religioso.)* É aquele que está em toda parte. Que ajuda os enfermos, que levanta os doentes, que anima os desesperados, que recompensa os puros e os bons... e ele é... ele é... Superman!... *(Entra o super-homem. Pode entrar, a critério do diretor, dentro de uma cabine telefônica, onde ele mudará a roupa, jogando paletó, calça, sapato e cueca de dentro, até aparecer como super-homem.)*

PRESIDENTE — Clark Kent!
 SUPER-HOMEM — Yes, sir!
 PRESIDENTE — Vê o que o cavalheiro deseja.
 SUPER-HOMEM — *(Virando para Formiguinho.)* How much?
 FORMIGUINHO — *(Em terror.)* O quê?
 SUPER-HOMEM — Tá pagando quanto?
 FORMIGUINHO — Eu? Não tenho dinheiro, não senhor...
 SUPER-HOMEM — Não tem? Que esculhambação é essa? Você pensa que eu trabalho de graça? Quem me paga as vitaminas? Minhas radiografias do pulmão? Meus esparadrapos? Olha aí, presidente, mora na onda do garotão... Olha, meu filho, tenho que competir com o Capitão Marvel, com a bicha louca do Bat Masterson, isto é um regime capitalista, um pega pra capar danado. Negócio aqui é cada um por si, Deus por alguns... Te vira, morou? Te vira! *(A luz se apaga. Saem todos.)*

CENA VII

Ao acender há só um foco de luz sobre Formiguinho. Ele está imóvel no palco, está pensando. Por mímica começa a se lembrar de tudo que lhe aconteceu durante a viagem. Pensa. Raciocina. De repente, um sorriso começa a lhe nascer lentamente no rosto. Lentamente. Um sorriso de compreensão. Ao mesmo tempo, ouve-se ao longe, como um chamado, um agôgô. Formiguinho compreendeu tudo. O agôgô vai ganhando outros instrumentos, pandeiros cuica, tamborim, se transformando numa batucada. Formiguinho volta. Volta pro morro. Fica só a batucada no escuro um pouco. Quando acende, é a cena final.

CENA FINAL

(Formiguinho batendo a porta no chão cer-

cado de outros formiguinhos, olhando o trabalho. Formiguinho bate. A batucada está em surdina.)

FAVELADO I — Num pode botar porta, ó pato. É lei. Num pode.

(Formiguinho bate.)

FAVELADO II — Quem não respeita a lei é malfeitor. É criminoso.

(Formiguinho bate.)

FAVELADO III — Fala com o doutor. Ele é que sabe. Tu é micha, Formiga, tu é lixo. É porcaria...

(Formiguinho bate.)

FAVELADO IV — É pecado inda por cima. Deus vê as má ação. Deus tá vendo.

(Formiguinho bate.)

FAVELADO V — Deus ajuda os bão. Castiga os mau. Tomara que o seu doutor venha aí e te prenda. Te arrebente. Tomara...

FORMIGUINHO — *(Pára de bater. Levanta-se.)* Eu vou fazer a porta no peito, na raça e na valentia. E não vai ter bronca, não. E não vou fazer só a porta, não. Vou fazer muito mais. Se eu quiser fazer telhado, eu faço telhado. Se eu quiser plantar uma bananeira, eu planto. Faço o que quiser. Olha, pessoal, vocês é que estão de pato por aí. Eu viajei muito. Descobri que todo mundo tá é explorando a gente. Ninguém quer nada com a gente. *(Entra seu doutor. Cruza os braços e fica ouvindo o que ele diz. Os favelados vêm o doutor e ficam apavorados. Tentam avisar o Formiguinho, mas não conseguem.*

pois este está imbuído demais.) Todo mundo está morrendo de fome e de doença no país. Tudo por causa de meia dúzia de filhos da mãe. Meia dúzia de filho da mãe como aquele seu doutor daqui. *(Favelados estão apavorados.)* Faço o que der na cabeça e se alguém bronquear eu quebro a cara. Quebro a cara... *(Doutor bate no ombro dele. Formiguinho se volta. Está tão imbuído que não nota.)* É isso mesmo, companheiro, quebro a cara. É o que a gente... *(Cai em si. Volta-se lentamente para o doutor. Doutor lhe dá um empurrão. Formiguinho cai no chão.)*

DOUTOR — Seu cachorro! Seu delinqüente! Seu agitador! Eu te arrebento.

(Formiguinho dá uma rasteira nele. Ele cai. Os favelados dão um grito de horror, ante o sacrilégio. Dispõem-se a ajudar o doutor. Formiguinho grita.)

FORMIGUINHO — Num ajuda esse filho da mãe, não. Num ajuda ele, não, seus escravos. *(Os caras ficam hesitantes.)* Ele só explora a gente. Manda ele pra fora. Vocês pensa que num tem força. Quer ver? Vamo expulsar esse cara. Vamo expulsar ele. *(Formiguinho se levanta. O doutor tá caído, sem jeito de levantar.)* Pega a perna dele. Pega. Pega. *(Eles pegam. Carregam o doutor para fora de cena, aos gritos de comunistas, cachorros e o jogam para fora.)* *(Formiguinho continua o discurso para os favelados, nervosos e surpresos diante da própria audácia.)*

FORMIGUINHO — Viu, pessoal? Viu só como a gente pode fazer o que quiser, que o mundo não cai. E o negócio é esse, pessoal. É lutar e lutar. Eu descobri isso. No Brasil inteiro o povo inteiro morre, morre mesmo. Esses caras são assassinos. Deputado é assassino, político é assas-

sino, padre é assassino, milionário é assassino, americano é assassino.

FAVELADO I — Poxa, Formiga, é bafo teu, mentira tua...

FAVELADO II — Tu é maluco rapaz, tu é maluco...

FORMIGUINHO — No duro mesmo. No duro. Ô Zé, você, trabalha onde?

FAVELADO II — Pedreiro de edificio...

FORMIGUINHO — E tu nem tem casa. Tu mora na favela, na lama. Dorme no chão. E tu, Pedráo? Trabalha onde?

FAVELADO III — Na fábrica de camisa.

FORMIGUINHO — Tu anda nu. Rasgado, Pedráo. Faz camisa pros rico e anda nu. A gente é escravo, pessoal, escravo que recebe um dinheirinho pra num morrer de fome e poder continuar a trabalhar e dar lucro aos patrão. A gente vive pra dar lucro aos outro. Tá errado, pessoal, tá errado...

FAVELADO I — Não dá pé, Formiguinho, não dá pé!

FORMIGUINHO — Tu já experimentou? Já? Experimenta primeiro.

(Entra o governador.)

GOVERNADOR — Meu povo! Meu povo! O que é isto? Estão subvertendo a ordem? A tranquilidade? Estão indo atrás deste agitador social? *(Formiguinho começa a dar ordens mudas aos outros. Eles vão cercando o governador. Acuando o dito.)* Que é isto? Obedçam-me, seus imbecis. Estão querendo agir contra seu Governador? Eu mando em vocês. *(O cerco aperta.)* Seus... *(Pegam ele e o levam de cabeça para baixo para fora.)* Socorro! aiiaiaia... policial Democratas, salvem-me, capitalistas, salvem-me, salvem-me!